



PALLADIO, ANDREA.
OS QUATRO LIVROS DA
ARQUITETURA

INTRODUÇÃO DE JOUBERT JOSÉ LANCHÁ.
TRADUÇÃO DE MARIA AUGUSTA BASTOS DE
MATTOS E CESAR AUGUSTO DE OLIVEIRA
CASELLA. SÃO PAULO: HUCITEC, 2009.

ISBN: 978-85-60-438-39-6

Andrea Buchidid Loewen

PALLADIO E SEUS *QUATTRO LIBRI DELL'ARCHITETTURA*

A editora Hucitec lançou recentemente *Os quatro livros de arquitetura*, de Andrea Palladio. A obra, publicada originalmente em Veneza em 1570, é um dos mais prestigiosos tratados na história da arquitetura e, desde o século 17, foi traduzido em diversas línguas (a primeira edição inglesa, ainda que parcial, data de 1663 e a tradução completa para o francês, feita por Roland Freiert, *sieur* de Chambray, de 1650) e circulou em várias partes da Europa e até mesmo no Novo Mundo.

Tal como outros tratados dos Quinhentos que se valem da expansão da imprensa – como os *livros* de Serlio e as *regras* de Vignola – o de Palladio privilegia ilustrações de arquitetura elaboradas pelo próprio autor, acompanhadas por um pequeno texto explicativo escrito de maneira simples e em língua vernácula. Diferentemente do caráter enciclopédico do *De architectura*, de Vitrúvio, e da destinação doutra do *De re ædificatoria* de Alberti, essas publicações do século 16 são endereçadas aos arquitetos praticantes e propõem-se a indicar parâmetros para a edificação de então. As descrições das ruínas antigas já não eram competência exclusiva dos escritores humanistas e de seus leitores eruditos; além do mais, seus textos, freqüentemente redigidos em latim, careciam de imagens e os arquitetos demandavam exemplos da Antiguidade que pudessem ser remodelados para atender às circunstâncias contemporâneas. Assim, por meio de tais publicações, que simplificam a aplicação das ordens e ilustram um amplo elenco de arquitetura antiga e moderna, a Antiguidade é disseminada.

A relação de Palladio com as reminiscências antigas se inicia ainda na juventude quando, em 1541, patrocinado pelo nobre vicentino Giangiorgio Trissino, visita Roma. Trissino é um literato que, na Cidade Eterna, participa do reservado círculo artístico formado em torno do Papa Leão X (Medici). Assim, é provável que conhecesse Rafael e estivesse familiarizado com a Villa que Lorenzo

de Medici e seu arquiteto, Giuliano da Sangallo, construíram em Poggio a Caiano. Também é um dileitante de arquitetura e o provável responsável pela reestruturação de sua vila em Cricoli. Por intermédio de Trissino, Andrea também é apresentado a Serlio quando, em 1539, o bolonhês se encontra em Vicenza para a construção do teatro efêmero no Palazzo Porto. É possível que na ocasião tenha visto o elenco de desenhos do antigo realizados pelo próprio Serlio, bem como aqueles herdados por ele de seu mestre Peruzzi.

Em Roma, diante das *reliquias dos antigos*, Palladio mantém a postura lecionada por Alberti: observa, afere e anota tudo por meio de desenhos. Suas várias viagens à *urbe* – contam-se ao menos quatro – permitem-lhe conhecer, minuciosamente, não apenas os grandes monumentos, como as Termas de Diocleciano, mas também os recentes Tempietto, Igreja de San Biagio, Villa Madama e Palazzo Caprini. Seus riscos completam as vetustas ruínas para lhes devolver o esplendor dos dias do apogeu imperial. De tais estudos Palladio publica, em 1554, suas duas primeiras obras: *Le antichità di Roma Raccolta brevemente da gli autori antichi, & moderni, nuovamente posta in luce e Descrizione de le chiese, stationi, indulgenze & reliquie de Corpi Santi, che sono in la città de Roma*.

Esse conhecimento direto da arquitetura dos romanos aproxima-o de Daniele Barbaro, erudito veneziano que se dedica a traduzir para o vernáculo e comentar o antigo tratado vitruviano. Palladio colabora com Barbaro desenhando quase todas as ilustrações de seu *Dieci libri dell'architettura di M. Vitruvio*, publicado em 1556. Tal empenho, certamente, refina o léxico palladiano e contribui para a assimilação de alguns elementos que seriam recorrentes em seus desenhos, como o emprego do motivo dos pórticos de templo com frontão na fachada de suas vilas e o uso da ordem colossal de colunas *exentas*, que vencem a altura de dois pavimentos e organizam a fachada de alguns palácios e derivam de sua restituição da basílica de Fano, tal como descrita por Vitruvívio.

Por referências encontradas, seja nesse escrito de Bárbaro, seja nas *Vite* de Vasari, sabe-se que Palladio, por esses anos, já trabalha em seu próprio tratado. Na dedicatória da obra datada de 1570, o autor declara oferecer ao comitente, o conde Angarano, seus *dois primeiros livros*, nos quais trata *das casas particulares*. A hipótese é que a primeira publicação teria sido feita em dois volumes: dois livros da arquitetura e dois livros da Antiguidade, logo depois reorganizados em um único volume, o *I Quattro Libri dell'Architettura*.

No Proêmio do primeiro livro o autor atribui aos desvios no *uso comum de construir* a distância em relação às regras dos antigos e àquelas lidas em Vitruvívio e Alberti, a razão de sua empreitada. Sua obra, acredita, ao reunir concisamente o que seja mais digno de consideração, levará a que “*pouco a pouco se aprenda a deixar de lado os estranhos abusos, as invenções bárbaras e as despesas supérfluas e*”... *a rejeitar os vários e seguidos estragos que em muitas construções se vêem*. (PROÊMIO, p. 5).”

Mas enquanto Alberti, no *De re ædificatoria*, privilegia a *res publica*, Palladio principia pelas *casas dos cidadãos*. Seu *primeiro livro* trata do preparo, das fundações e dos materiais necessários ao início da edificação, bem como da descrição das ordens arquitetônicas. Tal como Serlio, Palladio define em cinco as ordens de colunas, de Toscana – “*a mais genuína e simples de todas*” –, a dórica, jônica, coríntia e compósita – “*idealização dos antigos romanos, [...] composta de*

jônica e de coríntia". Suas proporções partem de relações simples e suas medidas, adverte o arquiteto, não seguem os ensinamentos de Vitruvius, mas suas próprias medições dos edifícios antigos (I, 12, p. 15). Privilegiando a clareza e servindo-se *dos nomes que os artifices de hoje em dia comumente usam*, o autor evita o uso de termos gregos ou de palavras latinas; assim, ao invés de usar *entasis*, como havia feito Vitruvius, para referir o alargamento do diâmetro do fuste na parte central da coluna, ele diz *dilatação*.

No livro II, dedicado à *qualidade das construções*, Palladio apresenta seus próprios projetos para palácios e vilas. A justificativa para tal feito se encontra novamente no Proêmio:

"e porque nesta parte temos pouquíssimos exemplos antigos de que possamos nos servir, porei as plantas e os alçados de muitas construções por mim para diversos gentis-homens compostas, e os desenhos das casas dos Antigos e das partes que são nelas mais notáveis, no modo, que nos ensina Vitruvius, como eles assim faziam." (I, p. 6)

É significativo que nenhum outro arquiteto até então, nem mesmo Antonio da Sangallo, o jovem, tenha tido tantas comissões para vilas e palácios. A grande prosperidade auspiciada pela produção agrícola no campo vêneto favorece a construção, seja das sedes das propriedades rurais, seja dos domicílios urbanos das grandes famílias senhoriais.

No que se refere aos palácios, pode-se dizer que a concepção de Palladio evoca o projeto de Bramante para o Palazzo Caprini em Roma; já no que concerne às casas edificadas no campo, encontram-se na Villa Medici em Poggio a Caiano os precedentes do uso de salas de diferentes dimensões, ao redor de um salão central abobadado e o emprego do frontão de templo na fachada de um edifício residencial. Além disso, nos desenhos realizados para a Villa Pisani, em Bagnolo, e em outros desenhos de vilas realizados a partir de 1542, pode-se notar a assimilação de um léxico construído a partir da redescoberta de Roma, tomado das antigas termas imperiais, mas também dos modernos Cortile del Belvedere de Bramante e Villa Madama de Rafael.

Na composição de ambos os tipos de construção particular Palladio observa o princípio do decoro, da conveniência, para definir seja as dimensões, seja o adorno dos edifícios: *"por cômoda se entenderá a casa conveniente à qualidade de quem nela haverá de habitar, e as suas partes corresponderão ao todo e entre si mesmas*. Desse modo, aos primeiros cidadãos da República convêm *casas com loggie e salas espaçosas e ornamentadas*, enquanto *aos gentis-homens menores não de convir também construções menores, de menor despesa e sem adornos*." (II, 1, p. 71). Nesse aspecto, cabe lembrar, o vicentino se guia por preceitos presentes no tratado albertiano, que vinculam beleza e *virtù* e consideram o edifício no domínio de sua aparição e de seu reconhecimento público.

Do mesmo modo, seguem-se, no livro terceiro, as obras que *"se fazem com maior grandeza e com ornamentos mais raros que os privados*, as edificações públicas, como vias, praças, pontes e basílicas, que, outra vez, conjugam vetustos *exempla* às invenções palladianas, entre elas a Basílica de Vicenza que o autor

afirma poder ser comparada aos edifícios antigos, e enumerada entre as maiores e mais belas construções que foram feitas pelos antigos” (III, 20, p. 189).

No Renascimento, a noção de imitação, como entre os antigos, afasta-se da mera cópia, pressupõe a assimilação das normas e preceitos e almeja, sempre, a superação. Assim, Bramante é encomiado no Livro IV. Ao lado das restituições dos templos que Palladio minudentemente estudou em suas visitas à Cidade Eterna, comparece a descrição de uma obra moderna, o *Tempietto di San Pietro in Montorio*.

“Por isso que tendo sido Bramante o primeiro a trazer à luz a boa e bela Arquitetura, que desde os Antigos até aquele tempo tinha estado escondida, pareceu-me com razão dever-se dar lugar entre as antigas às suas obras, e portanto pus neste livro o seguinte Templo, ordenado por ele sobre o monte Janículo.” (IV, 17, p. 60)

Na fusão da tradição cristã com a antiga, Bramante foi o primeiro a conseguir fixar uma nova norma ao reunir, em perfeita harmonia, um *thólos* períptero a um sacrário cristão. O juízo de Palladio, no entanto, remete ao tratado de Serlio, que apresentava o *Tempietto* em seu livro dedicado à Antiguidade por ter Bramante como *inventore et luce della buona et vera architettura*.

Diferentemente de Alberti que, em seu *De re aedificatoria*, demonstra uma preferência pelos templos de planta central, Palladio apresenta suas medições e desenhos tanto de templos romanos retangulares (como os templos de Marte Vingador, de Trajano, de Antonino e Faustina, da Fortuna Viril, etc.) quanto de circulares (como o Panteão e os templos de Vesta em Roma e Tivoli). É significativo que também restituia alguns mausoléus então considerados templos, como Santa Costanza (Templo de Baco) e Minerva Médica (Le Galluce), e que apresente desenhos de templos situados fora da Península Itálica, como os Templos de Pula, próstilos, de acordo com a classificação vitruviana, afirma o autor, e a Maison Carrée em Nîmes, cujo *“frontispício é feito exatamente como ensina Vitrúvio”* (IV, 28, p. 307).

Convém lembrar que entre as ruínas que subsistem em Roma, nos Quatrocentos e Quinhentos, quase não se vêem templos retangulares com pórticos como os descritos no *De architectura*. Ainda assim, Palladio se empenha em encontrar, em meio às vetustas reminiscências, quaisquer indícios que as aproximem das prescrições do arquiteto antigo.

“E ainda que de alguns deles [templos] se veja pequena parte em pé sobre a terra eu no entanto, daquela pequena parte, considerados também os fundamentos que se puderam ver, fui conjeturando como deversem ser quando eram inteiros. E nisto me foi de grandíssima ajuda Vitruvio, porque fazendo o encontro do que eu via com o que ele nos ensina, não me foi muito difícil trazer à cognição, aspectos e formas deles.” (IV, Proêmio, p. 199)

Dessa maneira, a partir de três colunas coríntias remanescentes do Templo de Júpiter Estrátio, Palladio o recompôs em aspecto períptero e ao modo picnostilo, segundo as classificações vitruvianas. O Templo de Marte, do qual se

via “quase toda uma lateral”, tomou-o por períptero e picnostilo pelo que pode “retirar das suas ruínas e do que nos ensina Vitruvius” (IV, 15, p. 251). Seu intento, afirma, é tornar fácil e clara a compreensão da parte do escrito antigo dedicada à conformação dos edifícios sagrados, “por muitos reputada difícil e por poucos até agora bem concebida”.

Preciso na comunicação de informações complexas pela conjugação de pranchas e textos e conciso em sua linguagem, os *Quattro libri* aparecem como uma das publicações de maior interesse do século 17. Se comparados ao tratado de Sebastiano Serlio, que começou a ser impresso a partir de 1537, os livros de Palladio se destacam por sua didascália e inteligibilidade. Serlio não inscreve as dimensões nas lâminas de desenhos, mas as descreve, laboriosamente, no pequeno texto impresso. Palladio, ao contrário, liberta o texto de tal incumbência e dispõe as medidas diretamente sobre as plantas e elevações. Diferentemente do bolonhês, o vicentino apresenta edifícios e detalhes de maneira uniforme, redesenha os riscos que, porventura, tenha tomado de outros arquitetos e vale-se sempre de uma unidade de medida padrão, o pé vicentino (0,357 m.).

Assim, é oportuno o cuidado de publicar a presente tradução para o português, na disposição de textos e desenhos atinentes a cada página, de modo fiel ao concebido por seu autor no original de 1570. A coordenação e a revisão técnica da edição, cabe frisar, foi feita por Joubert José Lancha, que há bastante tempo e com grande cura e critério tem se dedicado ao estudo de Palladio. Seu rigoroso texto de introdução, além de indicar seu domínio da tratativa palladiana, traz à luz a relação entre o tratado e as obras de Andrea e estimula o leitor a debruçar-se sobre o escrito, desvendar suas minúcias e com ele se deleitar.

Andrea Buchidid Loewen

Arquiteta e urbanista pela FAU–PUC-Campinas (1993), mestre em Urbanismo pela mesma instituição em 1999, Campinas (1999), e doutora em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela FAUUSP (2007) e professora do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Rua do Lago, 876. Cidade Universitária

05508-080 – São Paulo, SP

(11) 3091-4553

andrealolwen@uol.com.br